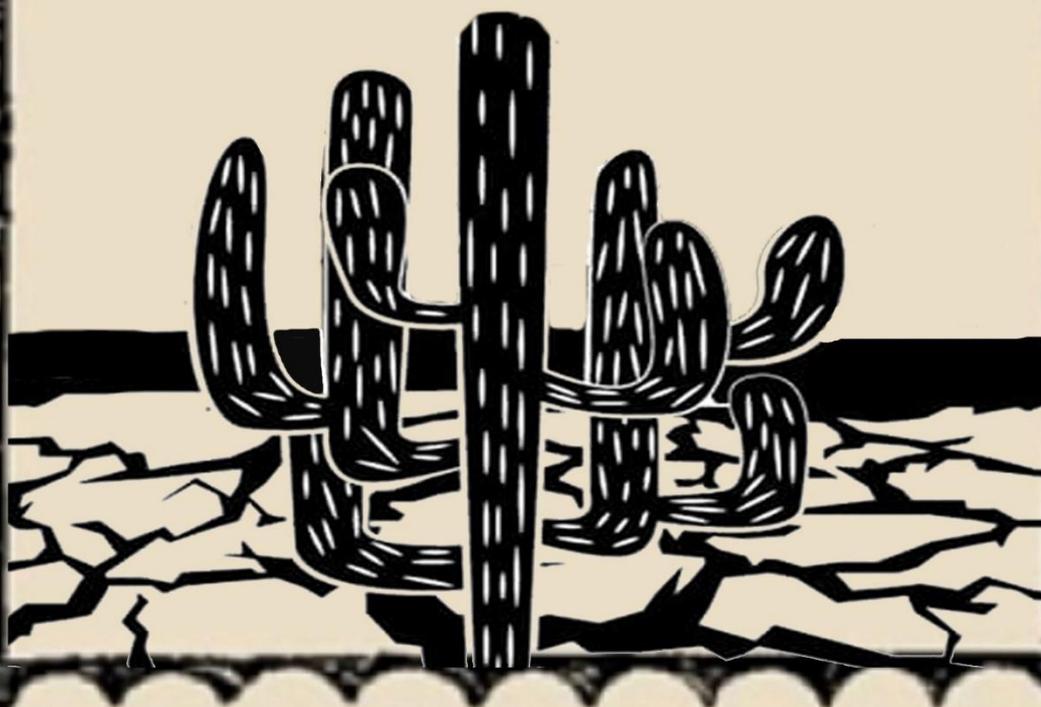


APÊNDICE A – CADERNO PEDAGÓGICO

Edleide Santos Roza

**CORDEL,
LETRAMENTO
LITERÁRIO:
TEORIA E PRÁTICA**



EDLEIDE SANTOS ROZA

CADERNO PEDAGÓGICO

**CORDEL, LETRAMENTO LITERÁRIO: TEORIA E
PRÁTICA**

SÃO CRISTOVÃO/SE

2018

APRESENTAÇÃO

Este caderno é o produto final apresentado no Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/UFS), cursado no biênio de 2016 a 2018, pela Universidade Federal de Sergipe. Ele acompanhou o relatório final acerca dos trabalhos desenvolvidos na pesquisa “Cordel, letramento literário e verbo-visualidade: três conceitos, um autor, uma história, um folheto”, realizada por mim, sob a orientação do Prof. Dr. Alberto Roiphe Bruno. A pesquisa aludida teve como objetivo realizar a leitura do folheto de cordel *A mulher que se casou dezoito vezes...*, de Valeriano Félix dos Santos, propiciando o letramento literário aos alunos da 8ª série, da Escola do Ensino Fundamental Professor Luiz Antônio Barreto, situada no município de Riachão do Dantas, no estado de Sergipe.

Logo após esta apresentação, o título “Primeiras palavras” servirá para nortear acerca das concepções de leitura, letramento literário e gênero que alicerçaram a parte teórica deste trabalho. Em seguida, no tópico “O gênero cordel” discorrer-se-á, mesmo que brevemente, sobre o gênero delimitado neste estudo, de modo a contextualizar mais especificamente a perspectiva aqui adotada e os conteúdos discutidos em sala com os alunos. Após esta parte teórica, será apresentada a sequência didática aplicada e, ao fim, será feito um breve comentário sobre os resultados alcançados. Ao longo da apresentação das etapas, quando necessário, foram alocados alguns recortes denominados: “Dica”, para ampliação do olhar; “Aprofundando a teoria”, para alimentação da base teórica; e “Importante”, para destaque de algum aspecto da etapa que precisa ser visto de forma mais acurada pelo professor.

A efetivação do projeto na turma citada confirmou que o trabalho com o folheto de cordel, tendo como prerrogativa sua estrutura verbo-visual, requer sim a realização de diferentes atividades de modo que as duas formas de linguagem que o constitui – a visual e a verbal – sejam exploradas mais consistente e eficientemente. Além disso, mostrou ser a sequência didática elaborada não apenas viável, mas efetiva para o estudo do cordel na perspectiva da verbo-visualidade, pois permitiu aos alunos a realização da leitura, compreensão e interpretação do folheto selecionado, e uma completa apreensão dos sentidos presentes no texto. Também possibilitou o conhecimento do autor e de outras obras de sua autoria.

Espero que, sendo adotada por aqueles que tiverem oportunidade de conhecê-la, esta sequência produza belíssimos frutos, tão saborosos quanto os colhidos por esta colega que a planejou e aplicou, e, agora, a está compartilhando com cada um de vocês.

Um bom trabalho a todos!

PALAVRAS INICIAIS

Ler é uma atividade complexa que envolve vários domínios de processamento: lexical, sintático, semântico e integrativo. Não fosse assim, seria fácil para todas as crianças aprenderem a ler. Contudo, é o oposto que ocorre: "Todas as crianças, seja qual for a língua, encontram dificuldades no momento de aprender a ler." (DEHAENE, 2012, p. 16). Mais complicada, ainda, torna-se essa tarefa quando o objetivo é ultrapassar os limiares da decodificação e alcançar a compreensão e interpretação textual, porque "Leitura sem compreensão não é leitura." (SILVA, 2009, p. 31). A fim de alcançar tal intento não é apenas a quantidade de textos lidos que importa, mas, principalmente, a qualidade da leitura feita. As práticas de leitura na escola deverão contribuir para formar o leitor competente, capaz de realizar, por meio do ato de ler, um verdadeiro encontro e reencontro consigo mesmo, com o escritor, com o texto lido e com a comunidade que o envolve. A leitura é aqui concebida, portanto, como espaço interativo, realizado em práticas históricas, sociais e culturais, alicerçado nas ideias de gêneros do discurso na perspectiva bakhtiniana.

Dentre os inúmeros gêneros existentes para o trabalho com leitura na escola, o texto literário deve ter a primazia, pois, pelo fato de tocar a sensibilidade do leitor, é também capaz de colaborar para a consolidação de conhecimentos que cotidianamente lhe chegam pelos textos informativos. Além disso, ele traz em si a potencialidade de satisfazer as necessidades básicas do ser humano de interação, de humanização, uma vez que, como nenhum outro, possibilita experienciar a fruição e a "fluição"; a formação e a informação; e, paradoxalmente, vivenciar o "não vivido", fazendo, deparar-se com "a grandeza e a fragilidade do ser humano; a história e a singularidade, entre outros contrastes, indicando-nos que podemos ser diferentes, que nossos espaços e relações podem ser outros". (GOULART, 2007, p. 64). Embora não tenha utilidade prática, a literatura "toca dimensões humanas tão fundamentais quanto a cultura, a educação ou a comunicação". (JOUVE, 2012, p. 11). Portanto, ensiná-la está na esfera do hoje, do ontem e do vir a ser, mas que isso, da ampla e infinda possibilidade de ser.

Ao revelar o campo dos possíveis, o texto literário lembra que as coisas poderiam ser diferentes do que se nos apresenta a realidade, contribuindo para a organização e reorganização da experiência, e, assim sendo, participando da produção e reprodução do existente no mundo. "A literatura, pela liberdade que a funda, exprime conteúdos diversos, essenciais e secundários, evidentes e problemáticos, coerentes e contraditórios, que frequentemente antecipam os conhecimentos vindouros." (JOUVE, 2012, p 165).

Logo, toma-se neste estudo a concepção de literatura como "perspectivação da verdade", também defendida por Bernardo (1999, p. 148). O fazer literário ou o encontro com o texto literário possibilita o encontro com o outro que não eu. Essa relação de alteridade, "eu-outro", instituída por meio do texto literário, possibilita ver a realidade por outros ângulos, sobre outras perspectivas. A criação, mesmo que fictícia, de "outros mundos" permite perceber que não temos em nós a verdade absoluta, nem podemos alcançar a realidade em seu todo. A literatura abre, portanto, um enorme leque de possibilidades ampliadoras dos limites da realidade na qual estamos historicamente situados.

A ficção, a literatura, fazem mais do que ampliar as nossas perspectivas, ao mapearem a realidade, anunciando territórios inexplorados e desconhecidos; a ficção e a literatura nos permitem viver o que de outro modo talvez não fosse possível, ou seja, nos permitem ser outros, (os personagens) e adquirir, ainda que momentaneamente, a perspectiva destes outros – para, adiante, termos uma chance de cumprir o primado categórico de todas as éticas, de tão difícil realização: ser o que se é. (BERNARDO, 1999, p. 147).

Essa concepção de Bernardo faz lembrar o testemunhado por Bakhtin (2010, p. 73): "A arte me dá a possibilidade de vivenciar, em vez de uma, várias vidas, e assim enriquecer a experiência da minha vida real." Para isso, entretanto, a leitura de uma obra literária na escola não deve ser feita ao acaso, nem o texto lido simplesmente, como se ler por si somente assegurasse o letramento literário. A leitura do cotexto deve ser seguida pela leitura do contexto. "É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo." (COSSON, 2014, p. 30).

Segundo Barbosa e Rovai (2012), até a década de 1970, o ensino de Língua Portuguesa contemplava, lado a lado, o ensino da gramática e a leitura de textos literários, sobremaneira os clássicos. Todavia, como alerta Candido (2011, p. 177-178), "é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante". Isso até que, pelas lutas travadas, ela também passe a ocupar o lugar que lhe é devido não só pela força social manifestada, mas precipuamente, pelo reconhecimento do valor literário que possui.

O cordel foi um desses gêneros que durante vários anos ficou à margem do currículo escolar, nele sendo inserido de quando em vez apenas com um viés histórico ou folclórico. Entretanto, "Cordel é literatura!" e sob essa perspectiva precisa ser estudado e ganhar também destaque no meio escolar. Concebido aqui como "manifestação cultural, popular, nordestina e brasileira", exatamente como afirma Roiphe (2013, p. 19), é um gênero literário derivado dos cantadores de desafio do sertão nordestino que em nada pode ser

associado à simplicidade ou à pobreza de estilo ou de forma. Como testemunha João Cabral de Melo Neto (2007, p. XXXI): “Os cantadores de desafio do Sertão têm esquemas estróficos complicadíssimos e eu prefiro a simplicidade.”

Foi tão somente depois da publicação dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 1998, p. 54) que o gênero cordel passou a ser incluído no rol dos "gêneros privilegiados para a prática de escuta e leitura de textos". Todavia, em alguns meios, ainda há muita resistência em reconhecê-lo como gênero literário digno de ser estudada “nas classes”. Não fosse assim, não teria havido tanto “barulho” quando a “Universidade Federal do Ceará indicou *Cordéis e outros poemas*, de Patativa do Assaré, para o vestibular de 2006” (VIANNA, 2014, p. 11). De certo modo, por sua origem popular e nordestina, esquecem-se alguns o quanto o cordel é representativo da cultura brasileira; e, por ser, geralmente, associado à tradição folclórica (fato que não incide em nenhum erro), se desvie tanto o olhar do seu caráter literário (não é prática incomum vê-lo sendo estudado nas escolas somente por ocasião da semana do folclore). No entanto, é preciso olhar para o cordel com uma perspectiva também literária, porque “Cordel é literatura!”, diga-se mais uma vez. E também é um gênero verbo-visual (ROIPHE, 2011; 2013). É, sobretudo, com essa perspectiva e com o afã de ampliar as experiências de leitura por meio dele realizadas que tomamos o cordel como objeto de estudo no projeto desenvolvido do qual derivou este caderno.

Apesar da força incontestável dos fundamentos até agora elencados para o trabalho com o gênero cordel na escola, não poderíamos deixar de sustentar nosso estudo também na premissa de que, por causa da sua transversalidade temática, o cordel permite uma leitura crítica da realidade onde vive o aluno.

O contato com a Literatura de Cordel pode ser capaz de proporcionar aos alunos uma ampliação de sua capacidade de enxergar as diversidades sociais, políticas, econômicas e culturais de nosso país, principalmente na região Nordeste, palco de tantas disparidades. (ALVES, 2008, p. 107-108).

Conhecer o meio em que vive e os aspectos culturais que compõem a história do lugar onde se nasce são elementos fundamentais para a construção da própria identidade, assim como para o exercício da cidadania. Ninguém vive isolado, a não ser em raríssimos casos, por razões específicas, extraordinárias. Os homens vivem em sociedade, mesmo que isso não signifique viver em comunhão. Paulo Freire (1989, p. 11-12) já enfatizava: "A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele." Após cada nova leitura de textos, uma nova leitura de mundo acontece. Nisso consiste o processo letramento/alfabetização/letramento.

O GÊNERO CORDEL



“Compõem-se versos e contam-se histórias em todas as partes do mundo, mas a forma específica das composições nordestinas foi trabalhada e constituída no Nordeste do Brasil, a partir do trabalho de alguns homens pobres e talentosos.” (ABREU, 1999, p. 136).

Foi da oralidade para a escrita, da viola para o folheto, do sertão para a cidade, do nordeste brasileiro para outras regiões do país, e do Brasil para o exterior que sucedeu a história dos folhetos populares, originada por Leandro Gomes de Barros no ano de 1893. A peleja própria do cordel, decorrente da sua origem atrelada às cantorias de desafio muito próprias do Nordeste brasileiro, perspectiva à qual está atrelada essa pesquisa, faz-se presente para além dos textos ficcionais. No plano histórico uma luta também se faz presente, tendo de um lado aqueles que associam a origem do cordel brasileiro à literatura de cordel portuguesa e, do outro, os que defendem ser este um gênero derivado do próprio desafio nordestino.

Abreu atribui a apregoada filiação dos folhetos nordestinos à literatura de cordel portuguesa a uma visão eurocêntrica. “Confunde-se poder político e econômico com capacidade criadora.” (ABREU, 1999, p. 127). Conforme a autora, o “imaginário das elites ocidentais constituiu o ‘mito do colonizador’ como ser culturalmente superior a quem cabe oferecer aos colonizados uma língua, uma religião, uma literatura, uma maneira de ver, pensar e organizar o mundo”. (ABREU, 1999, p. 125).

Conforme Abreu, os folhetos nordestinos possuem características bastante peculiares que corroboram na definição clara do que seja esta forma literária no Brasil, estabelecendo diferenças bastante significativas entre o aqui produzido e a literatura de cordel realizada em Portugal. Ela é enfática ao afirmar na conclusão dos seus trabalhos: “Compõem-se versos e contam-se histórias em todas as partes do mundo, mas a forma específica das composições nordestinas foi trabalhada e constituída no Nordeste do Brasil, a partir do trabalho de alguns homens pobres e talentosos.” (ABREU, 1999, p. 136).

Entre o cordel português e os folhetos nordestinos existem diferenças fundamentais no que tange ao modo de produção, circulação e público. Terra (1983, p. 59), já havia assinalado a existência de uma "unidade subjacente [...] ao nível da temática, da estrutura narrativa, dos valores e do universo simbólico" o que foi confirmado por Abreu (1999) e constitui-se traço fundamental, distintivo, entre os folhetos produzidos no Nordeste do Brasil e o cordel produzido em Portugal.

Quanto à literatura produzida nas terras lusitanas, segundo a autora, é um modelo editorial que vivenciou seu apogeu do século XVI até o início do século XII e representou adaptações de textos de sucesso, de origens e gêneros variados, a uma linguagem e padronização mais popular. Não havia unicidade em sua constituição e se originou da própria escrita já existente (reescrita de obras de domínio público). Estes textos adaptados podiam ser em prosa ou verso e, normalmente, giravam em torno da vida de nobres e cavaleiros.

Já os folhetos produzidos no Nordeste brasileiro consolidaram-se a partir do final do século XIX para o início do século XX e se constitui um gênero efetivamente literário, com forma e normas próprias, originais, decorrentes da oralidade, das cantigas entoadas pelos cantadores nordestinos. Aqui existe uma unicidade na forma que é bastante clara e definida, ao contrário do que existiu em Portugal. Outro diferencial é que o meio de produção, venda e circulação dos livrinhos abrangia uma parcela significativa das camadas populares. Havia poetas proprietários que escreviam e vendiam a outros editores que também eram autores de folhetos que versavam sobre o cotidiano nordestino.

No começo, os textos escritos eram chamados apenas de folhetos ou literatura de folhetos, a expressão literatura de cordel nordestina passou a ser empregada pelos estudiosos a partir de 1970, partindo daí a ser utilizada também pelos poetas. Todavia, “Os autores e consumidores nordestinos nem sempre reconhecem tal nomenclatura. Desde o início desta produção, referiam-se a ela como ‘literatura de folhetos’ ou, simplesmente ‘folhetos’.” (ABREU, 1999, p.17). Essa é, pois, a denominação também adotada nesta pesquisa ao abordar a produção feita no Nordeste brasileiro: “folheto”, seguida pela expressão “de cordel”, adotada pelos estudiosos a *posteriori*.

Diferente da chamada “literatura de cordel” portuguesa, uma fórmula editorial que permitiu a divulgação de textos de origens e gêneros variados para amplos setores da população, a literatura de folhetos nordestina derivou das cantorias, espetáculos que compreendia a apresentação de poemas e desafios. “O estilo característico da literatura de

folhetos parece ter iniciado seu processo de definição nesse espaço oral, muito antes que a impressão fosse possível.” (ABREU, 1999, p. 73-74).

Os poetas populares são herdeiros da temática da literatura oral, e de certo modo, das cantorias que ocorriam no Nordeste desde pelo menos meados do século XIX. A temática dos folhetos é, contudo, mais ampla. O poeta popular, além de detentor da tradição comum à literatura oral, qual o cantador, urde desafios e, da sua parte, tematiza o cotidiano. (TERRA, 1983, p. 17).

Os cantadores apresentavam-se em festejos privados ou públicos, onde fossem chamados. O desafio era o destaque e, segundo Abreu (1999, p. 84), inicialmente, os versos eram em quadra. “Essa talvez tenha sido a grande contribuição lusitana para a literatura de folhetos nordestina, pois esse tipo de estrutura poética é a forma popular por excelência em Portugal.”

De acordo com Abreu (1999), é no final do século XIX que as cantorias nordestinas começam a ganhar a forma escrita sem, no entanto, perder os traços marcantes da oralidade. Segundo a autora, não há uma definição categórica acerca de quem foi o primeiro autor a imprimir seus poemas, mas, seguramente, Leandro Gomes de Barros foi o responsável pelo início da publicação sistemática. É do escrito do próprio poeta nordestino que ela abstrai essa conclusão:

Leitores peço desculpa
Se a obra não for de agrado
Sou um poeta sem força
O tempo tem me estragado
Escrevo há 18 anos
Tenho razão de estar cansado (BARROS apud ABREU, 1999, p. 91).

Na história da literatura de folhetos destacam-se como primeiros autores: Leandro Gomes de Barros, em 1893; Francisco das Chagas Batista, com publicações a partir de 1902; João Martins de Athayde, em 1908. Alguns anos se passaram, e na época em que o cordel já estava firmado e se fazia presente nas varandas das fazendas, nas feiras livres, assim como nas malas dos próprios autores/vendedores ou de outros revendedores, cruzando o Brasil de norte a sul, nos idos de 1926, nascia Valeriano Felix dos Santos, "autor de uma quantidade considerável de folhetos de cordel" (SANTOS, 2014, p. 106) que ao lado de tantos outros cordelistas sergipanos, nordestinos, brasileiros, vieram para confirmar o que disse Borges citando Franklin: "Muita gente vê o cordel caindo das pernas. Mas ele sempre supera as crises." (BORGES, 2007, p. 14).

Consoante Bakhtin (1997, p. 106): “O gênero sempre é e não é o mesmo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo. O gênero renasce e se renova em cada nova etapa do desenvolvimento da literatura e em cada obra individual de um dado gênero.” Ele também é concebido como manifestação cultural e, assim como a cultura é perpassada por transformações, como as formas discursivas também o são. É essa dinâmica que permite a renovação do gênero, pois ao tempo que vive o presente, recorda também o passado, projetando-se para o futuro pela atitude responsiva própria dos sujeitos envolvidos no discurso. Assim ocorreu com o cordel e, especialmente, neste trabalho, com o folheto de cordel *A mulher que casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos, encantou a todos na sua época, encantou a todos também agora.

O FOLHETO DE CORDEL *A MULHER QUE SE CASOU DEZOITO VEZES...*, DE VALERIANO FELIX DOS SANTOS



Figura 2 - Capa original do folheto *A mulher que se casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos. Desenho de Joselito Duque.

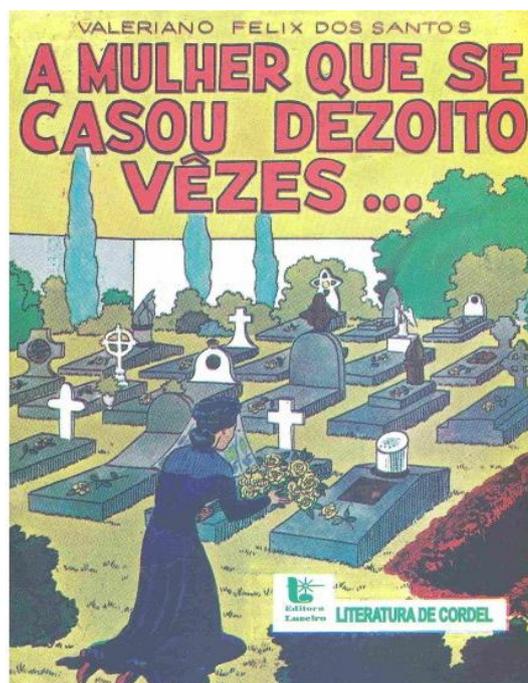


Figura 3 - Capa da versão atual do folheto *A mulher que se casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos, sem autoria, publicada pela Editora Luzeiro.

O cordel *A mulher que se casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos, foi escolhido como texto-base do estudo que desenvolvi, por focar dois pontos centrais desta pesquisa: a possibilidade de leitura verbo-visual por ser “um gênero que se caracteriza pela

presença da linguagem verbal e da linguagem visual, simultaneamente, em sua composição, tratando-se, portanto, de um gênero verbo-visual” (ROIPHE, 2011, p. 118); e a contribuição para a elevação da autoestima dos alunos, por (re)conhecerem um autor próprio da sua terra, sua obra, e saber que seu nome é reconhecido além-fronteiras. Seu estudo envolveu a realização de uma sequência didática que contemplou as etapas propostas por Cosson (2014) em sua sequência básica, a saber: motivação, introdução, decifração e interpretação. E foi além, contextualizando a vida do autor e outras obras de sua autoria, conforme apregoa Silva (2009, p. 119): “é preciso contextualizar no seu tempo e descobrir vínculos com o presente. Ou seja, fazer convergir o tempo do poeta com o tempo do aluno. Só assim o texto fará sentido para ele”.

A obra *A mulher que se casou dezoito vezes...*, tomada como exemplo de trabalho com os folhetos de cordel, cuja edição mais antiga, que se tem registro, consta do ano de 1972 (SANTOS, 2016), tem 79 estrofes, distribuídas em 16 páginas. Na primeira página, quatro estrofes, deixando espaço para a repetição do título; e, nas demais, cinco.

Os textos estão vinculados a uma certa quantidade de páginas (entre 8 e 64) [...] O número de páginas define, também, o conteúdo da publicação. Considera-se folheto a brochura de oito a dezesseis páginas, destinada a abrigar (pelejas e poemas jornalísticos), e romance a de 24 a 56 páginas, reservada às narrativas ficcionais. (ABREU, 1999, p. 113).

Na capa de 1972, em cima, a indicação: “Autor: VALERIANO FELIX DOS SANTOS”, todo em caixa alta, modo de destacar o nome do autor. O fato de este vir precedido da expressão “Autor” é outro dado relevante, posto que, desde o início da produção escrita dos folhetos de cordel, sempre houve uma preocupação com os direitos autorais. Isso porque muitos poetas viviam da venda de suas composições e eram responsáveis não só pela criação, edição, mas também pela venda dos poemas. Mesmo quando havia a figura do revendedor, este se subordinava ao autor, dele recebendo autorização e material para venda, recebendo por ela uma comissão. (ABREU, 1999).

Os poetas preocupavam-se com questões de direitos autorais e de propriedade dos textos [...] por isso imprimiam seus nomes na capa e na primeira página dos folhetos, estampavam seus retratos, utilizavam acrósticos nas estrofes finais. (ABREU, 1999, p. 98).

A elaboração do título também é digna de nota, pois, muitas vezes, o público decide comprar em função dele. Faz-se necessário que ele indique o tema exposto pelo folheto – uma

história de amor, de moralidade, um fato “jornalístico” etc. – não antecipando todo o desenvolvimento. Ademais, “um enunciado curto e com forte teor informativo é mais chamativo e de mais fácil compreensão”. (ABREU, 1999, p. 114).

No folheto de Valeriano, o título apresenta essas prerrogativas. Afinal, quem é essa mulher expressa nele que, inicialmente, já desperta a curiosidade do leitor? Na capa, sua imagem aparece na parte inferior, de frente para os túmulos e de costas para o leitor, escondendo sua fisionomia e, de certa forma, sua identidade, aguçando neste, ainda mais, o interesse em saber quem é ela e por que já enterrou dezoito maridos? O que ela tem? Por que nenhum deles sobreviveu depois do casamento?

A capa do folheto *A mulher que se casou dezoito vezes...*, é, portanto, constituída verbo-visualmente por uma riqueza de elementos bastante significativos para o entendimento geral da obra: o título, o cemitério, a mulher, os túmulos, as cruces, a flor sobre os túmulos, o buquê, as reticências, a cova aberta. Toda ela é, indiscutivelmente, um belo convite ao leitor para adentrar na história e tentar compreender o mistério por trás de tantas mortes e tantos detalhes.

E em cada por do sol,
Vai a cada sepultura,
E lhe põe um cravo roxo,
Côr da sua desventura...
E pondo a mão sobre o peito,
Dirá: - Deus me dá um jeito,
De carpir tanta amargura... (SANTOS, s.d., p. 5)

Trata-se de uma narrativa em verso, contando a mirabolante história de Dorotéia Carvalhal, uma mulher que já se casou dezoito vezes, em igual número enviuvou e, o mais extraordinário ainda, continua virgem e "louca p'ra casar" (E. 2). O folheto, conforme já fora dito anteriormente, é composto por 79 estrofes, cada uma de sete versos de sete sílabas com rima ABCBDDDB. A personagem principal – Dorotéia – trata-se de uma mulher que se casou dezoito vezes e, como ela mesma manda publicar nos jornais, "Está louca p'ra casar!..." (E. 2).

Ora, pois, uma mulher,
De beleza singular,
Que se chama Dorotéia,
Nos jornais fez publicar
Que segundo seus revezes...
Casou-se dezoito vezes,
Está louca p'ra casar! ... (SANTOS, s.d., p. 1)

O fato de mandar publicar nos jornais parece evidenciar ainda mais a ansiedade da mulher em casar-se novamente. E eis o grande conflito:

E naquele cemitério,
 Uma cova existe aberta,
 Pois quem casar-se com ela,
 Perde a cama e a coberta,
 Não comerá mais pirão,
 Pode levar o caixão,
 Que tem a morte por certa! ... (SANTOS, s.d., p. 4)

Assim sendo, no folheto de Valeriano Felix dos Santos, a curiosidade associa-se ao mistério da mulher que se casou dezoito vezes. Como e por que ela já se casou dezoito vezes? Onde estão seus maridos? O que aconteceu com eles? Mediante a leitura feita, porém, o enigma vai sendo revelado, "um a um", a partir da trigésima primeira estrofe, quando o poeta começa a narrar como a mulher "namorou-se" de seu primeiro marido, e segue prendendo o leitor até o final, quando toda trama parece ser desenrolada. "O seu mal é de nascença,/ Se aloja a sua doença,/ Na ponta do fígado branco⁷" (E. 76). Mas, mesmo assim, essa explicação ainda soa enigmática. Isso porque, na verdade, o mistério parece ser a grande tônica da obra. Ele perdura mesmo depois do fim da história narrada: "Uma cova existe aberta". As reticências apostas no título, o buquê na mão da mulher, também parecem sugerir que a história não acabou. Quem será a próxima vítima? Quem será o próximo marido a ser morto? E o mistério maior de todos: Quem foi o décimo oitavo marido, uma vez que, ao longo do desenrolar da trama, o poeta só revela dezessete? Essa é, extraordinariamente, uma obra genial, digna de um mestre do cordel.

Publicado na década de 70, quando há, no Brasil, uma retomada da produção de folhetos de cordel, incentivada pela procura dos leitores tradicionais e por agentes externos ao sistema anterior, como o governo, universidades e entusiastas, o folheto *A mulher que se casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos, comparado às produções gráficas contemporâneas, é artesanal. A edição atual, cuja capa ganhou uma versão colorida, de modo a adequar-se o formato da história ao padrão dos novos tempos, é uma publicação da Editora Luzeiro. Certo é que a história criada pelo poeta riachãoense saiu do Nordeste brasileiro (sem nunca ter saído de fato), ganhou o mundo, levando parte do Nordeste com ele, assim como sua gente, suas crenças e seus costumes, e continua sendo editada até hoje. Independentemente da época de sua primeira publicação, como todo gênero, é sempre novo e

⁷Crendice popular atribui essa expressão às pessoas que casam várias vezes e sempre ficam viúvas, principalmente mulheres. "Em uma região de Minas Gerais, dizem que uma mulher de fígado branco, tradução da expressão "muié de figo branco" é uma mulher insaciável." Disponível em <https://br.answers.yahoo.com/question>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

velho; e, como todo clássico, é sempre atual, mesmo que não seja contemporâneo. E, muito disso, deve-se, certamente, a espetacular criação de uma personagem feminina – Dorotéa Carvalhal – "Mulher-Macho, sinsenhora!..." (E. 8), em torno da qual toda uma história misteriosa é construída.

A obra de arte é um enigma. A vida é um enigma. Assim como enigmática é a história do folheto de cordel *A mulher que se casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos, cuja vida e obra também ainda jazia no anonimato em meio aos seus conterrâneos riachãoenses até a execução do projeto "Cordel, letramento literário e verbo-visualidade: três conceitos, um autor, uma história, um folheto".

Expostas as bases teóricas e, de forma diminuta, a análise feita do folheto, passemos agora a parte prática do trabalho: a sequência didática aplicada.

ESTRUTURA DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA TRABALHADA

FASES	ETAPAS	SÍNTESE DAS ATIVIDADES	Nº DE AULAS
MOTIVAÇÃO	1 e 2	Contextualização da pesquisa; apresentação do gênero; significado da capa para o folheto de cordel; exposição do <i>banner</i> sobre cordel e dos folhetos de cordel.	2
INTRODUÇÃO	3	Explanação de conhecimento prévio necessário para uma leitura mais completa da imagem, assim como da história narrada.	1
DECIFRAÇÃO	4, 5 e 6	Decifração: leitura da narrativa e realização do jogo "Brincando de detetive".	3
COMPREENSÃO, INTERPRETAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO	7	Confecção da capa do folheto lido.	2
	8	Leitura da versão da capa atual do folheto.	1
	9	Realização do "Jogo dos oito erros às avessas" (Leitura e análise concomitante das duas versões da capa do folheto em estudo).	1
	10	Realização de atividades escritas.	3
	11	Visualização dos espaços na obra referentes ao lugar de origem dos maridos de Dorotéa ou ao local de realização dos casamentos.	1
	12	Exposição sobre Valeriano Felix dos Santos.	1

MOTIVAÇÃO (duas aulas)

1ª Etapa - Conversa informal

- ❖ Conversar com os estudantes sobre o projeto a ser desenvolvido, cuja temática é a literatura de cordel, tendo como objetivo realizar a leitura verbo-visual do folheto *A mulher que se casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos, um poeta sergipano de bancada, natural do município de Riachão do Dantas, estado de Sergipe;
- ❖ Explicar que será feita uma pequena exposição de alguns folhetos de cordel e de um *banner* contendo versos sobre cordel para que possam ter um contato inicial com o gênero.



IMPORTANTE:

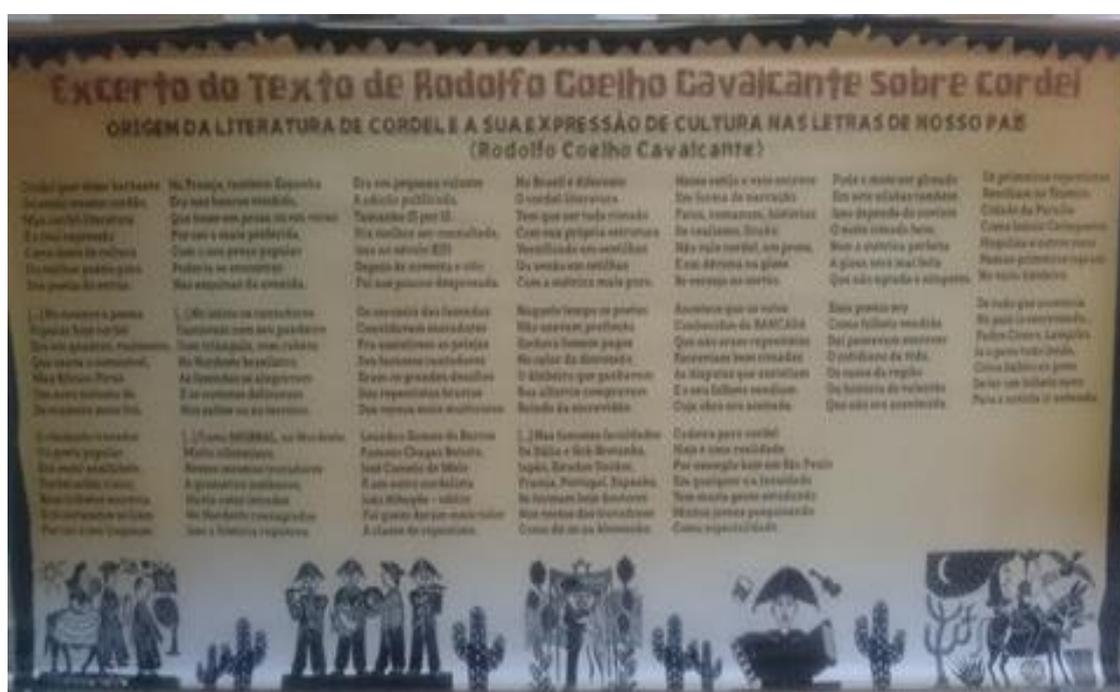
Orientar para que, ao folhear os livrinhos, observem a estrutura composicional (o número de páginas, de estrofes, de versos por estrofe, dentre outros aspectos); o modo de constituição das capas, se "sem capa" (folhetos que não tem imagens), desenho popular, cartão postal, fotografia, ou gravura popular (xilogravura) (MARANHÃO, 1981), ou reprodução gráfica colorida; verifiquem os dados indicativos da autoria (nome do autor explícito na capa ou acróstico, na última estrofe, com o sobrenome deste); o material utilizado para a confecção; os títulos, dentre outros aspectos estilísticos e composicionais.

APROFUNDANDO A TEORIA

No cordel, a capa tem uma função chamativa, assim como, de modo particular, tem também essa função, o título nela exposto. Ela funcionava como "chamariz" porque estava diretamente relacionada com a história narrada ou com o fato sobre o qual se escreveu. Portanto, a imagem nela constante não é mera ilustração ou "enfeite", é parte constitutiva do gênero. A leitura do cordel começava por ela e, na maioria das vezes, era definidora da compra, ou não, do folheto, uma vez que quem o adquiria, geralmente, era uma pessoa que não dominava o código escrito, mas comprava o livreto para ser recitado por outra pessoa que sabia ler. No início do século XX, "a maioria da população nordestina [...] era constituída por analfabetos [...] que [...] escutava, em saraus e reuniões familiares a leitura de romances e poemas". (TERRA, 1983, p. 5).

2ª Etapa - Exposição de folhetos de cordel e do banner sobre cordel

- ❖ Formar uma grande mesa sobre a qual será feita a exposição dos folhetos;
- ❖ Conversar com eles, individualmente, enquanto folheiam os livretos, a fim de verificar as primeiras impressões que tiveram, especialmente em relação às imagens;
- ❖ Expor o *banner* contendo o texto "Origem da literatura de cordel e a sua expressão de cultura nas letras de nosso país", de Rodolfo Coelho Cavalcante;
- ❖ Ler, oralmente, o texto do banner, destacando as informações nele contidas acerca da definição do gênero cordel e suas características, explicando a forma como os folhetos eram produzidos e vendidos antigamente e como é hoje.



Fonte: Arquivo próprio

DICA:

Caso não possa ser confeccionado o *banner*, o texto pode ser exposto em cartazes feitos com cartolina dupla, papel bomba ou papel chumbo; ou apresentado por meio de slides, caso a unidade de ensino disponha dos equipamentos necessários que possibilitem essa forma de veiculação.

IMPORTANTE:

A leitura orientada e compartilhada pelo professor enriquece a compreensão do texto pelo aluno, pois por meio da experiência prévia de leitura da qual aquele é detentor, é possível mediar o estreitamento do contato com a obra, através de explicações de natureza cultural ou de ordem linguística. Desse modo por meio dos excertos críticos, literários e não literários, de livros, revistas ou jornais são ampliadas as reflexões a respeito do próprio texto, colaborando para o enriquecimento individual e o fortalecimento da competência leitora.

INTRODUÇÃO (uma aula)

3ª Etapa - Leitura da imagem e da estrutura composicional e estilística dos folhetos

- ❖ Colocar seis mesinhas, separadas, na frente do quadro e apor, uma a uma, as fichas indicativas dos tipos das capas do folheto popular: "sem capa", desenho popular, cartão postal, fotografia, gravura popular (xilogravura), reprodução gráfica colorida, explicando sucintamente cada tipo;
- ❖ Solicitar aos alunos que peguem os folhetos expostos e redistribua-os nas mesas, separando-os devidamente, de acordo com os tipos de capas de cada livreto;
- ❖ Expor, um a um, os dez pontos de vista para análise de uma obra de arte, elencados por Costella (2002), construindo cartazes no quadro, gradativamente, à medida que forem sendo apresentados os tópicos;
- ❖ Tomar um exemplar de cordel tradicional e outro mais atual para exemplificar os pontos expostos.



IMPORTANTE:

Não obstante, muitas vezes, a “classificação” em educação, sobretudo na aula de português, ter um caráter pejorativo, neste caso particular, trata-se do conhecimento de técnicas específicas, de acordo com os elementos factuais que as obras oferecem graficamente. Trata-se, portanto, de parte de uma experiência plástica dos alunos.

DEZ PONTOS DE VISTA PARA ANÁLISE DE UMA OBRA DE ARTE (COSTELLA, 2002)

1. Factual (identificação e descrição dos elementos que compõem a obra, isto é, daquilo que ela objetivamente mostra);
2. Expressional (observação das reações sentimentais provocadas pela obra: alegria, tristeza, amor, ódio, raiva, ira, angústia, paz, tranquilidade, dentre outros);
3. Técnico (análise da qualidade do material utilizado e da técnica empregada pelo artista);
4. Convencional (identificação do conteúdo simbólico atribuído à obra, ou seja, a interpretação que certos grupos sociais fazem de acordo com suas convenções sociais);
5. Estilístico (identificação da corrente artística à qual a obra está vinculada e do estilo individual do artista);
6. Atualizado (análise da forma como, ao ser deslocada no tempo e no espaço, a obra passa a ser vista de acordo com a ótica cultural do observador hoje);
7. Institucional (análise do valor atribuído a uma obra, de maneira formal, pelas instituições intermediadoras entre ela e o público, a exemplo do papel exercido pelo museu, pela universidade, por um veículo de comunicação etc., que pode influenciar positiva ou negativamente no modo como a obra é vista ou recebida pelo público);
8. Comercial (observação do valor comercial da obra, ou seja, seu preço de venda);
9. Neofactual (análise das transformações físicas ocorridas na obra no transcorrer do tempo que alteraram sua apresentação visual hoje, tornando-a diferente do modo como foi originalmente criada pelo artista);
10. Estético (apreensão do conteúdo estético da obra; fruição estética forma de conhecimento que se faz através dos sentidos pela contemplação reiterada).

DICA:

Dependendo do nível da turma e dos objetivos estabelecidos, esses pontos de vista poderão ser analisados de forma adaptada, destacando aqueles que forem de maior interesse para o aprendizado da turma. O cartaz pode ser previamente montado e já exposto integralmente para a turma, assim como podem também esses pontos serem apresentados por meio de *slides*.

DECIFRAÇÃO - LEITURA DA NARRATIVA (três aulas)

“Se o texto literário bem realizado esconde mais do que mostra, desvendar o que está oculto – ler as estrelinhas – é o desafio maior e também o maior prazer que a leitura pode proporcionar.”
(SILVA, 2009, p.49).



A leitura da narrativa deverá ser realizada dividida em três momentos:

- ✓ Leitura oral pelo professor da primeira à décima terceira estrofe e observação da caracterização da personagem principal (4ª Etapa);
- ✓ Leitura oral pelos alunos da décima quarta estrofe até a vigésima nona, trecho onde o autor faz uma espécie de profecia dos fatos futuros (5ª Etapa);
- ✓ Leitura do restante da narrativa por meio do jogo "Brincando de detetive" (6ª Etapa).

4ª Etapa - Leitura oral pelo professor da primeira à décima terceira estrofe e observação da caracterização da personagem principal

- ❖ Distribuir, para cada aluno, um exemplar da versão atual do folheto de cordel *A mulher que se casou dezoito vezes...*, (sem a capa) e convidá-los para fazer uma leitura compartilhada da história e de modo a descobrir o que aconteceu nessa história, quem é essa mulher que se casou dezoito vezes, quem foram seus maridos e o que aconteceu com cada um deles;
- ❖ Ler oralmente, sem interrupção, da primeira até a décima terceira estrofe, e orientar os alunos para observarem, atentamente, durante a leitura, a caracterização de Dorotéia e o que ela faz.
- ❖ Realizar a primeira pausa e fazer perguntas orais sobre o trecho lido e a caracterização da personagem, de modo a verificar se os alunos compreenderam essa parte inicial da história.

DICA:

Exemplo de perguntas que podem ser feitas:
 Quantas alianças ela tinha?
 Onde?
 Por que não estavam com os maridos?
 Como é a mulher? Forte ou fraca?
 Bonita ou feia? Medrosa ou corajosa?

IMPORTANTE:

É imprescindível que o folheto seja distribuído sem a capa nesse momento para não direcionar na atividade de produção das capas que será feita posteriormente, pois esta deverá ser de livre confecção de acordo com a interpretação de cada um acerca da lida.

5ª Etapa - Leitura oral pelos alunos da décima quarta estrofe até a vigésima nona, trecho onde o autor faz uma espécie de profecia dos fatos futuros

- ❖ Organizar a turma para dar continuidade à leitura;
- ❖ Perguntar quem gostaria de compartilhar da leitura da décima quarta estrofe até a vigésima nona, oralmente, para toda a turma;
- ❖ Organizar a sequência dos leitores dentre os alunos que se apresentarem.

DICA:

A leitura oral pode ser feita com os alunos em pé, na frente da turma, ou sentados, cada um em sua carteira. Se os alunos preferirem ler na frente, chamar todos para já se colocarem organizados, de modo que a leitura das estrofes possa ser feita de forma sequenciada, sem interrupções.

IMPORTANTE:

Após o término da leitura, recolher os exemplares para introduzir, na sequência, o jogo “Brincando de detetive”.

6ª Etapa - Leitura do restante da narrativa por meio do jogo "Brincando de detetive"

- ❖ Realizar a leitura oral da trigésima estrofe e instigar o interesse dos alunos em descobrir a causa da morte dos maridos de Dorotéia;
- ❖ Frisar que, apesar de já se saber que todos os maridos estão mortos, ainda não se sabe como eles morreram. Somente a partir desse momento, que pode ser considerada como a segunda parte da história, o narrador se propõe a contar como morreram os maridos da mulher.
- ❖ Recolher os exemplares distribuídos, dizendo que é hora de desvendar o mistério;
- ❖ Realizar o jogo "Brincando de detetive".



BRINCANDO DE DETETIVE



1. APRESENTAÇÃO

O jogo tem como objetivo levantar hipóteses acerca de como morreram os maridos da mulher, aguçando o interesse do aluno para ler a segunda parte da história.

2. ORGANIZAÇÃO

Os alunos deverão jogar em grupos de três ou quatro componentes. O professor deverá trazer dez envelopes, contendo dezoito fichas retangulares em cada, medindo cada uma o tamanho de uma folha de papel A4 dividida em oito partes. Cada grupo deverá receber um envelope e grafar nele, no lado externo, um nome de fantasia escolhido para a equipe. Será pedido que cada grupo liste dezoito causas prováveis para a morte dos maridos, escrevendo uma por ficha. As fichas preenchidas serão acondicionadas novamente dentro do envelope que deverão ser devolvidos ao professor que os guardará até o fim da leitura do folheto, ocasião na qual os redistribuirá aleatoriamente, assegurando apenas que cada grupo receba um envelope diferente daquele que escreveu.

3. REGRAS DO JOGO

Vencerá o jogo o grupo que tiver acertado o maior número de causas das mortes em relação ao que efetivamente aconteceu na história lida. Para isso é preciso que, efetivamente, cada grupo preencha as dezoito fichas recebidas, escrevendo em cada uma delas uma causa de morte diferente.

Todos os envelopes deverão ser devolvidos ao professor, assim que forem devidamente preenchidas as dezoito fichas.

Após o preenchimento das fichas, recolher os envelopes e redistribuir os exemplares dos folhetos. A leitura deverá ser retomada pelo professor, alternando com os alunos que também se dispuserem a ler, até o fim da história, quando o professor devolverá os envelopes para os grupos, assegurando que o grupo receba um envelope diferente daquele que o produziu. Essa troca favorecerá a leitura de outras hipóteses que não as produzidas pelo próprio grupo.

O grupo analisará as fichas recebidas e contará o número de hipóteses confirmadas de acordo com o ocorrido na história, registrando o total de acertos no lado externo do envelope, logo abaixo do nome da equipe. Um relator, escolhido pelo grupo, deverá partilhar com a turma o número de acertos da equipe analisada, lendo as respostas certas dadas pelo

respectivo grupo. O jogo termina quando for verificado qual grupo marcou o maior número de pontos. Este será declarado o grupo vencedor. Caso a turma queira, e haja tempo disponível, poderão ser partilhadas também, oralmente, de forma sintética, as hipóteses não comprovadas.

APROFUNDANDO A TEORIA

A inclusão da ludicidade tem por fim dinamizar as atividades, fugindo dos exercícios formais ou de repetição. Por isso, a inclusão do desenho, pintura, conversas informais, jogos na referida sequência. Ao vincular ensino e produtividade à seriedade, "a escola induziu o professor a abandonar a ludicidade" (PASSARELLI, 2012, p. 91). Perrotti (1995, p. 26-27) adverte, porém, que na realização do jogo, o próprio ato de brincar precisa ser visto como produtividade e relembra que jogar é um processo intrinsecamente educativo, "essencial enquanto forma de humanização".

O jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e alegria e de uma consciência de ser diferente da "vida quotidiana". (HUIZINGA, 2005, p. 33)

[...] quando se concebe a possibilidade de professores e alunos partilharem conhecimentos em sala por meio de um jogo, surge a oportunidade de experimentação de conteúdos de uma maneira que os integra no espaço e no tempo da aula de forma organizada. E, o jogo, nesse caso, torna-se, em certa medida, o 'método', no sentido etimologicamente grego do termo, o 'caminho por meio do qual' os grupos permitem-se buscar o conhecimento com entusiasmo.

Tal entusiasmo, tanto de quem ensina, porque preparou o jogo, quanto de quem aprende, porque participará dele, se encaminha para experiências significativas, durante as situações de aula. (ROIPHE, 2017, p. 12)

COMPREENSÃO, INTERPRETAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO (total de nove aulas, conforme desdobramento apresentado nas etapas a seguir)

7ª Etapa- Confeção e exposição da capa dos folhetos (duas aulas)



- ❖ Dizer aos alunos que agora que eles já sabem da relevância da imagem como parte estruturante do gênero cordel e da importância da capa para o folheto, chegou a hora de cada um confeccionar a capa do folheto que recebeu;
- ❖ Apresentar o material disponível e dizer que eles podem utilizar a técnica que desejar, de acordo com o interesse e as habilidades de cada um, podendo fazer desenho, pintura, recorte e colagem, dentre outros, inclusive mesclar técnicas;
- ❖ Expor as capas, em sala, penduradas num barbante.
- ❖ Esclarecer, neste momento, o porquê do nome cordel.
- ❖ Explicar que o cordel tradicional não era vendido nas feiras livres do nordeste brasileiro pendurados em barbante, mas sim expostos na própria mala dos vendedores viajantes ou dispostos no chão sobre um forro previamente estendido.



APROFUNDANDO A TEORIA

A imagem colocada na capa do folheto de cordel não pode ser uma ilustração qualquer, mas sim uma coisa relacionada com o fato sobre o qual se escreveu (MARANHÃO, 1981), ela corrobora para a construção geral dos sentidos já suscitados pelo texto verbal.

DICA:

As capas poderão ser confeccionadas usando as mais diversas técnicas conhecidas pelos alunos, de acordo com as habilidades de cada um. Poderá ser feito desenho livre, usando apenas lápis grafite e/ou lápis de cor; pintura com guache; montagem usando recorte e colagem de gravuras; fotomontagens feitas com uso de dispositivos digitais acessíveis aos alunos em sala ou na própria escola (*notebook, tablets, smartphones, computador etc.*); isogravura (desenhos feitos em isopor e apostos sobre o papel em técnica similar a do carimbo); fotografia; dentre outras possibilidades apresentadas pelos alunos, discutidas previamente com o professor, considerando o material didático disponível na escola e/ou organizado pelos próprios alunos. A produção deverá ser feita em sala, de modo que o professor possa acompanhar o trabalho do aluno. Caso os alunos apresentem a necessidade de utilizar algum material não disponível no momento, a atividade pode ser organizada e sua execução ser combinada para o dia seguinte.

Dizer aos alunos interessados pela xilogravura que a madeira pode ser substituída pelo isopor, material mais acessível no meio escolar.

8ª Etapa - Leitura da versão atual da capa do folheto de cordel em estudo (uma aula)

- ❖ Distribuir as capas da versão atual do folheto (destacadas anteriormente) uma para cada aluno;
- ❖ Pedir que a leiam silenciosamente, observando bem a imagem nela existente;
- ❖ Distribuir uma folha de papel ofício e solicitar que eles façam, por escrito, comentários acerca do que observaram, comparando com o modo como eles imaginaram e confeccionaram, aproveitando também para comentar acerca das dificuldades sentidas, ou não, no ato de produção das imagens.
- ❖ Solicitar que os alunos partilhem oralmente com a turma o que escreveram.

DICA:

O aluno pode optar entre apenas comentar acerca do que escreveu ou ler o texto escrito na íntegra.

APROFUNDANDO A TEORIA

A imagem diz também do tema, o delimita, o questiona, o sugere, o expõe, precisando também ser concebida como texto pelos alunos, deixando de ser apenas "vista" e passando, portanto, a ser lida. A imagem também é texto. Ela pressupõe interação, atitude compartilhada entre enunciador e coenunciador, intersubjetividade. Nela há também, muitas vezes, intertextualidade. Sua leitura requer, portanto, análise, interpretação, inferências e interferências.

Num mundo onde a imagem está em todos os espaços, os reais e os virtuais, é preciso aprender a percebê-la, mais do que isso, lê-la. É preciso ler o texto em sua totalidade, verbal e visual, quando ele assim for configurado. A dicotomia entre essas duas linguagens, quando ambas encontram-se presentes na leitura, fere o texto, decepa-o. O texto visual requer um novo olhar, não dissociado do escrito, mas atrelado a ele como parte composicional do gênero em sua totalidade. Hodiernamente, verbal e visual têm se mesclado com a clara intenção de produzir, em conjunto, os vários sentidos presentes no texto.

9ª Etapa - Realização do Jogo “dos oito” erros às avessas (uma aula)

- ❖ Distribuir uma cópia da capa da versão original para cada aluno;
- ❖ Distribuir, para cada aluno, oito fichas retangulares, medindo 3 X 6, confeccionadas em cartolina branca;
- ❖ Solicitar que relacionem os oito elementos, mantidos nas duas versões, que considerarem mais significativos para a narrativa, colocando o nome de cada elemento numa ficha;
- ❖ Colocar, sobre uma mesa, os recipientes já devidamente identificados com os termos ou expressões: “título”, “nome do autor”, “cemitério”, “túmulos”, “mulher”, “cova aberta”, “cruz”, “flor sobre os túmulos”, “outros”;
- ❖ Pedir aos alunos que depositem as fichas preenchidas nas vasilhas, separando-as de acordo com os elementos citados;
- ❖ Proceder à contagem das fichas;
- ❖ Listar no quadro os oito elementos mais votados, a começar pelo que obteve a maior pontuação e, assim, sucessivamente.

IMPORTANTE:

Os recipientes devem ser perfilados sobre as mesas somente depois de concluída a atividade de preenchimento das fichas para não interferir na leitura feita pelos alunos, nem na análise.



DICA:

A contagem poderá ser feita pelos alunos em grupos de dois ou três, formados aleatoriamente pode ser feita pelo próprio professor que, em seguida, deverá listar no quadro o nome dos oito elementos mais votados, começando pelo primeiro e assim sucessivamente. Fazer um breve comentário acerca do papel de cada um deles na narrativa, de forma a promover uma análise mais acurada dos principais elementos visuais presentes na capa.

APROFUNDANDO A TEORIA

No cordel, a linguagem verbal e a visual estão imbricadas, sendo ambas constitutivas do gênero, assim sendo, deveriam ser sempre lidas simultaneamente. Elas formam um todo, coeso, onde perguntas e respostas se encontram e relações de sentido são estabelecidas.

10ª Etapa - Realização de atividades escritas (três aulas)

- ❖ Distribuir uma cópia das atividades escritas para cada aluno;
- ❖ Orientar para que resolvam individualmente;
- ❖ Proceder à correção coletiva das atividades, lendo em voz alta cada um dos enunciados e ouvindo as respostas dadas pelos alunos, comentando-as, de modo a enriquecer a partilha feita pelos discentes e aprofundar o estudo acerca dos elementos verbais e visuais estruturantes do folheto lido.

DICA:

Os alunos poderão discutir com os colegas acerca das questões dadas, assim como esclarecer com o professor as dúvidas que surgirem durante sua execução.

IMPORTANTE:

As atividades de que trata esta etapa estão colocadas em anexo no final deste caderno (Anexo 1).

11ª Etapa - Visualização do espaço na obra (uma aula)



DICA:

Lembrar alguns conhecimentos prévios, geralmente, adquiridos nas aulas de geografia (Localização no mapa: hemisférios norte, sul, leste e oeste.); e nas aulas de história, os conceitos de “velho mundo” e “novo mundo”.

APROFUNDANDO A TEORIA

O espaço físico pode ser interno ou fechado (casa, quarto, igreja, hospital etc.) ou externo ou aberto (praia, rua, praça, quintal etc.); pode constituir apenas o cenário da ação ou ter também uma função importante para revelação do comportamento e do caráter. Neste caso, faz-se necessário identificá-lo mais detalhadamente: se abrange uma pequena ou grande extensão; se identifica geograficamente um determinado local, estado, região, país; se nacional ou internacional; se natural ou construído pelo homem; se rural ou urbano. Por sua vez, o espaço psicológico manifesta-se no interior da personagem, evocados pela memória, abarcando suas vivências, seus pensamentos e sentimentos. O espaço social é constituído principalmente por meio das personagens figurantes, representando as relações sociais, econômicas, políticas e culturais existentes na narrativa. O espaço pode ser descrito detalhadamente no corpo da narrativa ou aparecer apenas referências espaciais diluídas ao longo da narração. Se poucos forem os fatos, menor variedade haverá de espaço; pelo contrário, se a narrativa for cheia de acontecimentos, haverá maior diversidade de espaços.

APROFUNDANDO A TEORIA

Barthes (1990, p. 34), ao falar da função *relais*, encontrada sobretudo nas charges e nas histórias em quadrinhos, gêneros tradicionalmente classificados como verbo-visuais, alerta que, nesses gêneros, “a unidade da mensagem é feita em um nível superior: o da história”. Dizer aos alunos que isso parece ser também o que ocorre no folheto *A mulher que se casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos, também um gênero verbo-visual. Por isso, a relevância de observar visualmente, por meio do mapa, a construção do espaço feita na obra em estudo. Este, apesar de se encontrar substancialmente diluído, traz implícito num “nível superior”, o da história, como alegou Barthes (1990), uma mensagem que precisa ser verbo-visualmente observada, para ser melhor e mais completamente assimilada.

- ❖ Conversar com os alunos acerca do espaço na narrativa;
- ❖ Explicar que é o lugar onde se desenrola a ação e que ele pode ser físico, psicológico e social.
- ❖ Afixar no quadro o Mapa Mundi: divisão política (continentes, países, estados);
- ❖ Pedir aos alunos que formem duplas;
- ❖ Distribuir entre elas, aleatoriamente, as cartas contendo trechos do texto verbal relativo aos maridos de Dorotéia;
- ❖ Orientar para que identifiquem, por meio das pistas textuais presentes nos trechos escritos nas referidas cartas, o espaço de origem dos maridos de Dorotéia ou o local onde foram realizados os casamentos;
- ❖ Apresentar, uma a uma, as fichas numeradas de um a dezoito, representando a sequência de apresentação dos maridos na obra;
- ❖ Solicitar aos alunos que afixem no mapa as fichas referentes à localização encontrada, a começar pelo primeiro marido e assim por diante.

IMPORTANTE:

Após serem colocadas todas as fichas, perguntar que outras leituras podem ainda ser feitas em relação aos maridos de Dorotéia, de acordo com a distribuição espacial observada. Espera-se que os alunos percebam que eles foram aparecendo, gradativamente, do local para o regional, deste para o nacional e daí para o global, ou seja, abrangendo todo o mundo, aqui representado, geograficamente, pelos quatro hemisférios (norte, sul, leste e oeste) e, historicamente, pelo Velho e pelo Novo Mundo (Europa e América respectivamente), numa clara alusão à invencibilidade de Dorotéia Carvalhal, a "MULHER-MACHO, SINSEHOR!..." (E. 79). Caso os alunos apresentem dificuldade em realizar a leitura visual do mapa, auxiliá-los, de maneira que todos os espaços sejam devidamente localizados.

IMPORTANTE:

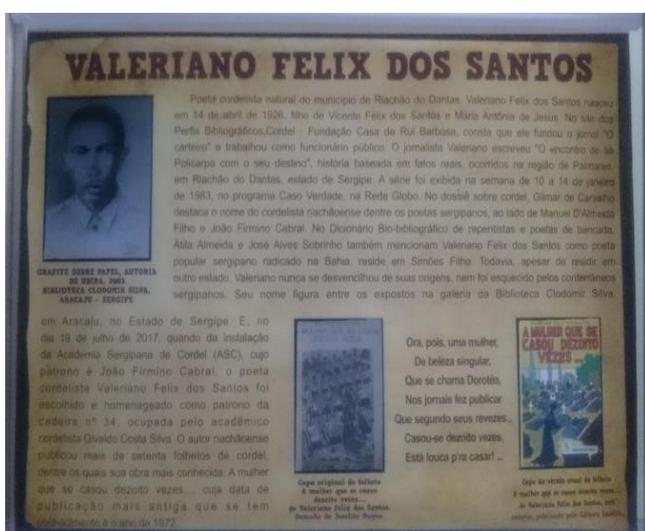
As cartas de que tratam essa etapa encontram relacionadas ao final deste caderno (Anexo 2).

DICA:

As atividades e jogos aqui propostos podem ser realizados com outros folhetos de cordel não apenas no nono ano como também em turmas de outros anos do ensino fundamental ou médio, desde que feitas as adaptações necessárias, tendo em vista as especificidades do folheto selecionado, da turma e do nível de aprendizagem dos alunos. Uma questão, todavia, não pode jamais ser descuidada: a verbovisualidade.

12ª Etapa - Exposição sobre Valeriano Felix dos Santos (uma aula)

- ❖ Expor o *banner* sobre Valeriano Felix dos Santos;
- ❖ Realizar a leitura oral dos dados biobibliográficos nele apostos, de modo a apresentar, também verbo-visualmente, o poeta cordelista para a turma;

**DICA:**

Caso não seja possível confeccionar o *banner*, o texto pode ser exposto em cartazes feitos com cartolina dupla, papel bomba ou papel chumbo; ou apresentado por meio de slides. Também poderá ser solicitada previamente uma pesquisa extraclasse sobre o autor, realizada em grupo ou individualmente, e os dados pesquisados serem partilhados nesta etapa a título de conclusão dos trabalhos realizados.

VALERIANO FELIX DOS SANTOS

Natural do município de Riachão do Dantas, filho de Vicente Félix dos Santos e Maria Antônia de Jesus, Valeriano nasceu em 14 de abril de 1926 e faleceu em 24 de agosto de 1996, aos setenta anos, na cidade de Simões Filho, no Estado da Bahia, onde residiu a maior parte de sua vida. De acordo com Santos (2014, p. 106), além de cordelista, ele atuou também como jornalista e "galgou uma série de especializações no Exército, onde teve o primeiro contato com a educação. Foi funcionário público até sua aposentadoria, sem nunca abandonar a literatura de cordel". É de sua autoria a obra "Tia Policarpa", história baseada em fatos reais, ocorridos na região de Palmares, em Riachão do Dantas, estado de Sergipe. (SANTOS, 2014). Essa obra deu origem a série "O encontro de tia Policarpa com o seu destino" que foi exibida na semana de 10 a 14 de janeiro de 1983, no programa Caso Verdade, na Rede Globo. Valeriano é mencionado por diversos estudiosos da área e, no dossiê sobre cordel, Carvalho (2002) cita o nome dele dentre os poetas sergipanos, ao lado de Manuel D'Almeida Filho e João Firmino Cabral. Seu nome figura entre os expostos na galeria da biblioteca Clodomir Silva, em Aracaju, no Estado de Sergipe. E, no dia 19 de julho de 2017, quando da instalação da Academia Sergipana de Cordel – ASC, cujo patrono é João Firmino Cabral, o poeta cordelista Valeriano Felix dos Santos foi escolhido e homenageado como patrono da cadeira nº 34, ocupada pelo acadêmico cordelista Givaldo Costa Silva.

**IMPORTANTE:**

Caso possível, expor algumas obras originais do autor.



PALAVRAS FINAIS

A sequência apresentada por meio desse projeto é flexível o bastante para permitir ser trabalhada em qualquer série não só do ensino fundamental, mas da educação básica como um todo, desde que se promovam as adaptações necessárias. Para isso concorrerá a criatividade, o discernimento e a postura ativa daqueles que, por ventura, e esperamos que muitos, queiram colocá-la em prática em suas salas de aulas. Isso acontecendo, esperamos que as expectativas sejam superadas, assim como foram as nossas. Que os docentes (re)descubram, assim como eu pude mais uma vez constatar, que quando uma aula é bem planejada, tudo concorrerá para que seja bem sucedida, até os imprevistos ocorridos e as improvisações feitas. E, principalmente, os resultados obtidos serão sempre surpreendentes, haja vista ser ilimitada a capacidade humana de criar e inesgotável o conhecimento, sobremaneira no campo das artes, no mundo das palavras.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. São Paulo: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil, 1999.
- ALVES, Roberta Monteiro. Literatura de cordel: Por que e para que trabalhar em sala de aula. **Revista Fórum Identidades**, Aracaju/Sergipe, v. 4, ano 2, p. 103-109, jul-dez de 2008.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 5. ed. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- _____. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. 2. ed. Tradução Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- BARBOSA, Jaqueline Peixoto; ROVAI, Célia Fagundes. **Gêneros do discurso na escola: discutindo princípios e práticas**. São Paulo: FTD, 2012.
- BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III**. Tradução Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BERNARDO, Gustavo. O conceito de Literatura. In: JOBIM, José Luís (Org.). **Introdução aos termos literários**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p. 135-169.
- BORGES, José. **J. Borges**. São Paulo: Hedra, 2007.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino Fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998,
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 171-193.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- COSTELLA, Antonio F. **Para apreciar a arte: roteiro didático**. 3. ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.
- DEHAENE, Stanilas. **Os neurônios da leitura: como a ciência explica a nossa capacidade de ler**. Tradução Leonor Scliar-Cabral. Porto Alegre: Penso, 2012.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Editora Cortez, Autores Associados, 1989.
- GOULART, Cecília. **Alfabetização e Letramento: os processos e o lugar da Literatura**. In: PAIVA, Aparecida, MARTINS, Aracy; PAULINO, graça; CORRÊA, Hercules, 2007.
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- JOUBE, Vicent. **Por que estudar literatura?**. Tradução Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

MARANHÃO, Liêdo. **O folheto popular**: Sua capa e seus ilustradores. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1981.

MELO NETO, João Cabral de. **Poesia completa e prosa**. 2. ed. SECCHIN, Antônio Carlos (Org.) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

PASSARELLI, Lílian Ghiuro. **Ensino e correção na produção de textos escolares**. São Paulo: Telos, 2012.

PERROTTI, Edmir. Elementos para o debate: a escola como oficina lúdica. In: **Anais do primeiro seminário sobre o papel da arte no processo de socialização e educação da criança e do jovem**, n. 1. São Paulo, Unicsul/SP, 1995, p. 26-30.

ROIPHE, Alberto. **Forrobodó na linguagem do sertão**: Leitura verbovisual de folhetos de cordel. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2013.

_____. Folheto de cordel: um gênero verbo-visual. In: _____; FERNANDEZ, Marcela Afonso (Org.). **Gêneros textuais**: Teoria e prática nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Rio de Janeiro: Rovel, 2011, p. 113-135.

_____. O jogo na aula de literatura. In: _____. **Literatura em jogo**: proposições lúdicas para as aulas de português. Aracaju: Criação, 2017, p. 11- 24.

SANTOS, José Renilton Nascimento. **Riachão do Dantas**: nossa terra, nossa história. Pará de Minas, MG: VirtualBooks, Editora, 2014.

SANTOS, Valeriano F. **A mulher que se casou dezoito vezes...** Disponível em: <<https://issuu.com/acervocordeis/docs>>. Acesso em: 14 jul. 2016.

_____. **A mulher que se casou dezoito vezes...** São Paulo: Editora Luzeiro, s.d.

_____. **De volta ao ninho antigo**. Salvador: Tipografia São Judas Tadeu, s/d.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Leitura literária & outras leituras**: impasses e alternativas no trabalho do professor. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

TERRA, Ruth Brito Lemos. **Memória de lutas**: literatura de folhetos do Nordeste (1893 a 1930). São Paulo: Global Editora, 1983.

VIANNA, Arievaldo. **Leandro Gomes de Barros**: vida e obra. Ceará: Edições Fundação Sintaf/RN: Queima-Bucha, 2014.

ANEXO 1

ATIVIDADES

1. O folheto de cordel *A mulher que se casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos, é uma narrativa em verso composto por 79 estrofes classificadas como setilhas ou septilhas (estrofes de sete versos). E, no geral, as estrofes de um folheto mantêm a mesma estrutura em relação às rimas. Estas concorrem para a construção da musicalidade no poema. Releia as estrofes a seguir e observe, dentre os esquemas de rimas dados, qual o utilizado pelo autor. Assinale-o.

Ora, pois, uma mulher,
De beleza singular,
Que se chama Dorotéa,
Nos jornais fez publicar
Que segundo seus revezes...
Casou-se dezoito vezes,
Está louca p'ra casar! ... (SANTOS, s.d., p. 1)

Na verdade eu não sou feia,
Sou rica, dengosa e bela...
Todos olham para mim
Se vou até a janela...
Tenho os cabelos compridos,
Já tive tantos maridos
E continuo donzela!... (SANTOS, s.d., p. 10)

Ainda no mês passado,
Publicou um edital
“Viúva Paraibana,
Dorotéa Carvalhal,
... Quem desejar suicidar-se,
Basta com ela casar-se,
Tem de graça o funeral! ...” (SANTOS, s.d., p. 16)

a) A	b) A	c) A	d) A
B	A	B	B
A	B	C	C
B	B	B	B
C	C	D	D
D	D	D	D
C	C	B	C

2. Sabendo que no folheto de cordel a capa não é meramente uma ilustração, mas tem a clara função de deixar antever, visualmente, um importantíssimo aspecto da história contada no interior do

folheto, de modo a estimular sua compra, destaque a estrofe que, em sua opinião, retrata mais significativamente o aspecto da narrativa apresentado na capa. Depois, justifique a resposta dada.

- a) Estrofe 14
- b) Estrofe 15
- c) Estrofe 18
- d) Estrofe 21
- e) Estrofe 22

Justificativa: _____

3. No começo da história é apresentada a perspectiva do poeta que se coloca como narrador. Destaque os versos onde ele demonstra isso claramente.

4. Num texto narrativo tradicional, como o conto, a novela, o romance, a crônica, de acordo com o foco narrativo, isto é, o lugar de onde o narrador conta a história, ele pode ser classificado como narrador-personagem (conta e participa da história, narrando-a em 1ª pessoa), como narrador-observador (conta a história do lado de fora, na 3ª pessoa), ou como narrador-onisciente (conta a história em 3ª pessoa, mas, às vezes, faz umas intromissões narrando em 1ª pessoa). No folheto de cordel *A mulher que se casou dezoito vezes...* uma história é narrada. Tomando como parâmetro a classificação apresentada no enunciado desta questão, responda:

- a) Como é feita a narração, em 1ª ou 3ª pessoa? Comprove com elementos do texto.
- b) Qual o foco narrativo?
- c) Quais os efeitos de sentido gerados pelo modo como a história é contada?

5. O enredo, conjunto dos fatos ocorridos em uma história, tem como um de seus elementos fundamentais o conflito. Este pode ser constituído por qualquer componente da história (personagem, ambiente, fatos, emoções, ideias) que se opõem a outro gerando tensão, criando certa expectativa frente aos fatos narrados, chamando a atenção do leitor.

- a) No folheto lido, qual é o conflito?
- b) De alguma maneira este conflito é retratado visualmente? Sim ou não? Se sim, explique.

6. O desfecho ou desenlace é a conclusão da narração, onde o conflito é solucionado, ou seja, o “quebra cabeça” ou mistério desenvolvido na trama é explicado.

- a) Leia as estrofes finais do folheto e escreva aqui aquela na qual acontece o desenlace da história?
- b) Observe a imagem. Nela ocorre também o desenlace? Escreva aqui, resumidamente, o que você observou.

7. De acordo com o desfecho dado à história, o mistério em torno da personagem Dorotéia foi desvendado, e a causa da morte dos maridos dela também. Que elementos verbais e visuais do texto, porém, permitem afirmar que o problema vivenciado pela personagem não foi solucionado?

8. Na atual versão do folheto publicada pela Editora Luzeiro, uma das alterações verificadas na capa foi a troca do símbolo da cruz sobre os túmulos por outros símbolos variados. Em sua opinião, essa alteração possibilita perceber que mudanças ocorridas na sociedade brasileira, atualmente, em relação à religiosidade?

9. Dorotéa é uma personagem bastante caracterizada com predicativos, tradicionalmente, atribuídos aos homens. Destaque as atividades realizadas por ela que, em sua região, são ainda concebidas como próprias do gênero masculino.

10. Em sua opinião, as atividades destacadas são mesmo próprias só dos homens? Justifique sua resposta.

11. Destaque do texto as características normalmente atribuídas como sendo próprias das mulheres. Relacione-as aqui.

a) Você concorda que essas características sejam somente femininas ou, atualmente, elas podem ser atribuídas também aos homens? Explique.

12. No texto, Dorotéa é caracterizada como “Mulher-Macho, sinsenhor!...” Na obra, essa expressão tem sentido positivo ou negativo? Justifique.

13. No meio em que você vive, chamar uma mulher de “mulher macho” tem conotação positiva ou negativa? Explique.

14. O jornal é um meio de comunicação social. De acordo com o texto lido, ele é um meio adequado para se divulgar que se está procurando um marido? Por quê?